

## EDITORIAL

Iniciamos e fechamos o ano pandemicamente!

Na revista Linguagens não poderia ser diferente.

Tínhamos um planejamento, no entanto este não aconteceu e, em meio ao percurso mudamos os planos. Continuamos navegando, em novas rotas, mas com o desejo de pensar o percurso, mirando uma chegada que fosse possível de acolher e reconhecer o esforço coletivo.

Em meio ao percurso, mudamos o sistema da revista, bem como mudamos a equipe editorial. Agradecemos a professora Karina Zendron que realizou o trabalho até o primeiro número desse ano! Nos desafiamos manter os outros dois números que saem ainda em dezembro, compreendendo que o deixamos de lado um dossiê, que saíra como primeiro no próximo ano.

Sob cuidado do professor Dr. Rafael Bona, o número sobre "Cinema e Audiovisual em tempos de streaming" será o primeiro de 2022. Ficamos felizes com o número elevado de submissões, no entanto, pelas mudanças internas, este material ainda está em processo de avaliação.

Abrimos então esse volume com um conjunto de artigos de Fluxo Contínuo, que são relevantes ao nosso contexto e se articulam ao escopo da revista.

Dentre estes artigos Narciso e Pedralli assinam **Ensino de língua portuguesa na educação de jovens e adultos em situação de privação de liberdade: primeiras aproximações** que discute a partir de uma investigação bibliográfica à luz da Teoria Histórico-Cultural a formação integral por meio da educação das pessoas em privação da liberdade.

Borges e Richit discutem em **O uso das tecnologias digitais como recurso potencializador do ensino e aprendizagem musical de professoras não especialistas em música** em uma pesquisa-ação que envolve história da arte, teoria e percepção musical. Acena desafios do uso das tecnologias e a relação com a formação desses profissionais.

Golçalvez e Atássio nos provocam a olhar discursos que circularam em campanhas eleitorais no ano de 2018, com isso acenam como práticas de violências se desenham por meio das palavras e imagens que são veiculadas. O título do texto é: **Eleições no Brasil em 2018: discursos e práticas da violência.**

Barroso e Saraiva tecem uma análise à luz modelo semiótico clássico desenvolvido por Greimas para discutir as **Presenças de Luiz Gonzaga em “lua lua lua lua”, de Caetano Veloso**. Acena noções de figuratividade/iconicidade e intertextualidade nas obras dos músicos em questão.

No artigo **“O mistério em torno de nossas identidades”**: as mulheres artistas históricas como pseudônimo das **Guerrilla Girls** escrito por Lima, acena o ato político das representantes da Guerrilla Girls na escolha nos pseudônimos de mulheres artistas ativistas para manter e proteger suas verdadeiras identidades, ao mesmo tempo em que reinscrevem essas mulheres no campo das artes visuais.

**Guillaume Apollinaire e os salões de arte na Paris do início do século XX** foi o tema escolhido por Fogagnoli para apresentar diretamente dos originais o que virá a ser a grande defesa de Apollinaire: a pintura de vanguarda!

Cruz destaca em seu artigo: **Bandas de música como espaços de ensino musical** à luz da filosofia da linguagem, discute a música enquanto linguagem discursiva.

Ainda, nesse número teremos um ensaio visual, fruto de uma pesquisa poética de Jô Leoni e de Pedro Gottardi que discute questões do fazer artístico na relação com processo de corpo e identidade, marcados com a reflexão sobre o corpo trans/ travesti.

Por fim, em meio a tudo o que vivemos e lemos até aqui respiramos em Na cama com De Duve: reflexões sobre práticas criativas por meio da resenha de Flores e Prigol, com a qual compreendemos um pouco mais sobre o autor e refletimos sobre a urgência da arte da criação que nos toca, que nos afeta. A partir do autor, conversamos sobre o sensível e a estética que toca o intelecto.

Os textos reunidos nesse número se articulam, são com temáticas pertinentes e buscam pensar o nosso tempo, na relação com as mais diversas linguagens. Arriscamos a dizer que é um número *"Entre linguagens: tecendo relações para pensar o tempo presente"*, pois nele encontramos articuladas relações com visualidades, música, literatura, corpo, nas relações com os contextos próprios de criação artística, literária e da comunicação ou ainda o com o campo da educação. Assim é um número múltiplo de relações, assim como nosso tempo, com artigos que tensionam perspectivas históricas e o nosso tempo.

Como nos provocamos no início desse editorial, foi um ano pandêmico e por conta dele e outras atividades de reorganização revista, esse número sai agora em dezembro. Estamos felizes, mas não podemos nos furtar de agradecer àqueles que estão junto contribuindo e fazendo a revista acontecer: mais uma vez gratidão aos bolsistas do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURB: José Inacio Sperber, Patrícia Gonçalves Jorge, Fransuê Ribeiro, Roseli Kietzer Moreira, Charles Immianovsky, Rodrigo Uliano e Daniela de Souza Oliveira.

E para finalizar, ainda para pensar este tempo pandêmico e, de certa forma, numa tentativa de tentar superar este momento de conflitos, de perdas e instabilidade, selecionamos para compor a capa deste número fotografias do artista/ bailarino Rodrigo Andrade<sup>1</sup>, obras que nos descolam o olhar para o corpo/ casa, lugar onde se fazem presentes as experiências e marcas que nos atravessaram durante este período.

Nesse sentido, para além de convidá-los à leitura da escrita científica, estendemos o convite para fruir arte, para pensar o tempo presente e olhar para o futuro com esperança de um novo ano onde a estesia e a sensibilidade se façam presentes em nossas atitudes, olhares e relações, com o outro e com o mundo!

Boa leitura a todas, todos e todes!  
Carla Carvalho, Dra.  
Sandro Lauri Galarça, Dr.  
*Os editores*

---

<sup>1</sup> Rodrigo é Licenciado em Dança pela Universidade Regional de Blumenau-FURB e Pós-graduando em Linguagem e Poética da Dança pela mesma universidade. Professor, artista e pesquisador nas artes do corpo, com foco em dança contemporânea e seus atravessamentos.